

---

## MENSTRUACÃO E SUAS REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA: UMA ANÁLISE SOBRE SANGUE, TABU E GÊNERO

**Bruna Cristina Boaventura Miranda<sup>1</sup>**

1. Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Rondônia, Brasil.

**Estevão Rafael Fernandes<sup>2</sup>**

2. Doutor Ciências Sociais (UnB, 2015), Universidade Federal de Rondônia, , Brasil.

**RESUMO:** Este artigo investiga como a menstruação é representada e descrita nos diferentes meios de comunicação social. A partir de análises de diversas culturas e épocas, foi possível enxergar que a menstruação é implica levar em consideração também aspectos simbólicos, trazendo para a mulher um papel relevante no contexto sociocultural e entrando na discussão sobre conceitos como “Cultural” e “Natural”. Várias referências buscam explicar porque o sangue menstrual torna as circunstâncias da mulher menstruada desconfortáveis e difíceis, diante disso examinou-se, aqui, como a menstruação é apresentada atualmente em redes sociais, propagandas, livros e pinturas, a partir de um levantamento por amostra. Visto ter havido mudanças na representatividade, como nas propagandas que colocaram a menstruação de forma mais realista e nas redes sociais com maior aceitação, apesar de ser o meio que mais encontra dificuldades para quebrar o tabu. É cabível essa discussão, pois ela cresce rumo à quebra do silenciamento e diminuição dos estranhamentos sobre a menstruação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Menstruação. Tabu. Mulher.

### INTRODUÇÃO

Como definição instrumental, a menstruação é um processo natural presente na vida de todas as mulheres, envolvendo a descamação da parede do útero com duração de 3 a 7 dias. No entanto, esse processo passa a ser percebido de outras maneiras além do normalmente percebido como “natural”, trazendo consequências na vida social da mulher. Buscar-se-á neste artigo, mesmo que brevemente, analisar algumas dessas maneiras e suas implicações simbólicas a partir de algumas representações da menstruação na mídia e redes sociais.

O ciclo menstrual, no contexto sociocultural, possui diversos significados. Esses são normalmente herança de eventos históricos que tratavam a menstruação como um tabu. Como exemplo, pode-se citar o tratamento da menstruação como impureza na Bíblia – mais especificamente no capítulo 15 do livro de Levítico; o confinamento das mulheres menstruadas em várias partes do mundo<sup>1</sup>; e também Plínio, o Velho (23-79 AD), que descreveu em seu *História Natural* a menstruação como um “veneno fatal” causador de males irremediáveis. Tais

---

<sup>1</sup> Uma rápida pesquisa nos leva a países como Etiópia ou Níger, na África, ou à tradição do *chhapaudi*, no Nepal. No Brasil, diversas etnias – Tikuna, Wapixana, Makuxi e Kamayurá, por exemplo – têm, segundo relatos etnográficos, alguma prática de isolamento e/ou tabu envolvendo direta ou indiretamente a menstruação.

---

eventos marcam historicamente a vida das mulheres, nos levando a questionar como a menstruação é socialmente construída e em que medida tais preconceitos tornam-se algo estrutural no tipo de relação culturalmente constituída, em relação às mulheres menstruadas.

Diante disso, cabe a consideração que desde o século XX os meios de comunicação social, como livros, rádio, *internet*, jornais, cinema, *vídeo games* e televisão, têm se tornado fundamentais intermediários para a propagação e manutenção de informações, pensamentos e representações sobre social. Seguindo esse critério, para a análise e associação das concepções da menstruação na atualidade e a compreensão, a partir disso, se ainda é um tabu em uma sociedade autopercebida como “moderna” e “ocidental”, levanta-se o seguinte questionamento: como é representada a menstruação nos meios de comunicação social?

## **MATERIAL E MÉTODO**

Para este estudo foi utilizada a antropologia visual, área da Antropologia que desenvolve suas análises a partir de fragmentos narrativos, sonoros, visuais, audiovisuais e digitais. Nesta era global, descrições etnográficas podem ser ampliadas (epistêmica, ontológica, qualitativa e quantitativamente) por meio da antropologia visual e fazendo uso de farto material disponível: os registros por fotos, livros, mídia, vídeos e cinema segundo Piault “abre[m] novos campos de exploração e novos terrenos”, sendo assim a antropologia visual é “uma nova maneira de conceber a antropologia” (1999, p.16)

Inicialmente partimos do método amostral procedimental histórico, trazendo as análises das concepções da menstruação do passado para fundamentar o presente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em princípio, partindo do olhar biologizante, a menstruação não vai além de um processo comum e natural, parte da fase reprodutiva da mulher. Contudo, diante da leitura Gómez-Sánchez *et al* (2012) observamos a partir do resumo de fatos na história, a inserção da mulher menstruada no contexto cultural e social. Nesse artigo, os autores demonstram como a menstruação obteve um significado místico, associado a poderes, características curativas, ou até mesmo a fraqueza, malignidade e doenças, gerando assim um grande impacto social. Dessa

---

forma, a menstruação constituir-se-ia como parte de uma eventual esfera da natureza, ou estaria no campo da cultura, usando a clássica dicotomia antropológica? Para responder, partimos de Descola (2014), segundo o qual a fronteira entre esses termos é algo relativo e em constante devir. Quase sempre, nos mostra o autor, o que nos rodeia não pertence a uma *ou* a outra dessas esferas, mas a um universo englobado por ambas: mesmo aquilo visto como *natureza* passa por filtros e adequações culturais: a morte passa por diversas representações e rituais, o ato de comer é culturalmente regulado (inclusive, em termos de horários, condicionando nosso corpo a sentir fome em horários determinados) etc. Como ele sintetiza, ; “A maior parte dos objetos que nos rodeiam, incluindo nós mesmos, encontram-se nesta situação intermediária: são naturais e culturais ao mesmo tempo” (DESCOLA, 2016, p. 8).

Assim, isso ocorre sobre a menstruação que é um processo normal e incontrolável pelas mulheres, sendo suas representações e concepções variáveis conforme o contexto sócio-histórico no qual se insere. Dito de outra forma, o ato fisiológico da menstruação é concebido como algo intrínseco à condição de mulher, conquanto tais concepções (mulher, fisiologia, menstruação, intrínseco etc.) variem. Uma mulher é, *a priori*, uma mulher, seja na China, Brasil ou Estônia, por exemplo: ela teria, por definição, seios, vagina, ovário. Mas isso não significa que *ser mulher* se resuma (ou mesmo implique, necessariamente) em ter seios, vagina e ovário: a forma como a mulher é percebida na China, Brasil e Estônia, para mantermos nosso exemplo, varia: a forma como ela pode se comportar, dentro do socialmente esperado; os atributos morais que dela se espera (como sensibilidade, carinho etc.); variam. É, como bem sintetizou Simone de Beauvoir, uma questão de *tornar-se* mulher, mais do que *ser* mulher. Torna-se mulher a cada assoviada na rua, a cada buzinação, a cada cantada barata, a cada exclusão de um bom emprego, a cada preconceito e ideia pré-concebida: é um processo sociocultural, para além dos atributos físicos – seios, ovário, vagina – ou da capacidade de se gerar vida. É, como pontuamos a partir de Descola, uma interface entre o cultural (gênero) e o natural (sexo). E é dessa fronteira, desse limite tênue que parte este trabalho: uma vez que estamos em uma zona de interstício constituída por campos representacionais para além do estritamente dado, tais concepções nos levam para além da discussão – interessantíssima, diga-se – sobre gênero, sexualidade etc. e nos leva, caso aceitemos o desafio, a outra esfera de questionamento, qual seja: o que tais concepções nos informam sobre a cultura na qual elas se inserem. Não se trata mais de buscarmos compreender o papel da mulher em nossa sociedade, mas sim, em um giro de

---

perspectiva, buscar compreender essa mesma sociedade a partir de sua concepção sobre o “ser mulher”, a partir do socialmente esperado. A menstruação torna-se aí algo “bom para pensar”, nos termos de Lévi-Strauss, pois é o que de mais básico teríamos em uma concepção “natural” (no sentido de biologizante) desse “ser mulher”: a menstruação é a face oculta da gravidez, da concepção, da maternidade, da vida, caso pensemos *grosso modo* desde categorias estruturais e estruturantes em nosso senso-comum. Ser mulher, espera-se, é ser mãe e todo um conjunto de valores associados à maternidade: carinhosa, meiga, atenciosa. Se a menstruação é a contraparte natural à concepção, que tipo de valores estariam associados a ela? Indo além: como esses valores aparecem, ou não, quando tratamos da menstruação na esfera pública – notadamente em comerciais e redes sociais? Se a menstruação é associada, tradicionalmente, ao poluído, ao fétido, ao pútrido, como torna-la um assunto palatável para, por exemplo, vender absorventes no horário nobre, sem que isso cause repulsa ou ojeriza? A ver.

Retomando o fio condutor deste artigo, partindo do pressuposto que as mulheres estão inseridas em uma sociedade cunhada por relações patriarcais, desde a menarca as mulheres são ensinadas sobre comportar-se de maneira “apropriada” em relação à menstruação, potencializando sua posição de inferioridade e permitindo que haja processos de silenciamento e, conseqüentemente, e manutenção da menstruação enquanto tabu. Exemplos disso são inúmeros: a necessidade de esconder o fato de menstruar, com tal assunto gerando, em muitas, desconforto, vergonha e medo, inclusive, percebidos em práticas como esconder um absorvente, usar roupas escuras da cintura para baixo, “apelidar” a menstruação para não utilizar essa palavra, por exemplo.

Segundo Hermosa Botello (2015) o tabu e mitos relacionados à menstruação podem ser explicados por características da menstruação: é humano, derrama independente da vontade da mulher e é relacionado ao sexo: diante disso a mulher sente a necessidade de proteger os outros do seu sangue. Essa é apenas uma das autoras que tenta explicar a origem do tabu, tendo ainda outras referências no campo das Ciências Sociais. Nesse sentido, percebendo que o cientista social tem como objetivo, no resultado prático de sua pesquisa, segundo Da Matta (1987), julgamos que cabem também a estudos como este, sobre o tabu da menstruação, a tentativa de reverter esse quadro de submissão epistêmica, dado que a maioria dos textos sobre os temas nos mostram como as perspectivas estigmatizantes em torno da menstruação estão relacionadas a uma suposta superioridade masculina.

---

Segundo a antropóloga cultural Sherry Ortner (1974), em uma visão dicotômica relativamente comum nos estudos antropológicos clássicos sobre gênero, esse tabu está relacionado ao fato que as mulheres são mais associadas à Natureza, em razão da procriação e processos como a menstruação e, os homens, à Cultura: como a Natureza é representada, em nossa sociedade, como algo dominado pela Cultura, isso explicaria a noção de uma superioridade masculina. Contudo, apesar de ser relacionada à natureza (algo cultural, como aponta a autora nesse mesmo texto), a mulher também faz parte da cultura, sendo assim uma intermediadora, ou motivo de uma “ambiguidade polarizada - às vezes altamente exaltada, às vezes altamente aviltada” (ORTNER, 1974). Já o antropólogo José Carlos Rodrigues irá classificar dois tipos de sangue: o sangue bom, aquele derramado livremente, sendo controlados por nós “para selar alianças sociais” (RODRIGUES, 1979, p. 87) e o sangue mau: aquele derramado contra nossa vontade e fora de controle, como a menstruação.

É interessante ressaltar que essas e outras ideias preconcebidas que cerca[va]m a menstruação permearam a sociedade por muitos anos, e, em algumas regiões ainda predominam. No Brasil, como em outras partes do mundo, essas noções foram passadas de geração em geração, sendo esses paradigmas quebrados a partir das conquistas do movimento feminista e pelas consequentes manifestações artísticas no sentido de empoderar a mulher e consolidar seu novo lugar de enunciação.

Contudo, especificamente no que tange à questão da menstruação tardou (e tarda) a tornar-se algo representado como normal, natural e livre de tabus. Em 1987, a marca de absorvente Sempre Livre realizou uma peça publicitária protagonizada pela atriz Fernanda Torres. Nela, Torres é construída como uma mulher “moderna”, cheia de compromissos, trabalhando e dando entrevistas – mas usando roupa branca, com tom de voz sereno e sem pronunciar a palavra “menstruação”, em nada nos remetendo ao período menstrual.



Figura 1: Campanha da marca Sempre Livre, 1987

Pouco mais de uma década depois, em 1998, a marca de absorvente Nova, mostrou a jogadora de vôlei Ana Paula Henkel treinando e jogando com calças brancas, não condizendo com a maioria das mulheres que se recusa a usar calça branca quando está menstruada por medo de aparecer o absorvente ou até menos “vazar”.



Figura 2: Campanha da marca Nova, 1998

Em 2011, a marca de absorvente Naturella trouxe uma propaganda repleta de clichês, com a atriz Paolla Oliveira saltitando com um vestido branco no meio de um campo. Há a substituição da palavra “menstruada” por “naqueles dias”, o tom de voz e o cenário nos remete a uma “romantização” da menstruação como um período sem nenhum desconforto.



Figura 3: campanha da marca Naturella, 2011

Ao longo da pesquisa várias foram as propagandas que reforçaram esse regime imagético da menstruação como algo natural mas enquadrado dentro do limpo e higiênico, mas esses exemplos nos bastam para demonstrar como essas peças publicitárias reforçam, ainda mais, o sigilo em torno da menstruação – é emblemático um comercial de absorvente não mencionar a palavra “menstruação”, da mesma forma que propagandas de fralda nos informam sobre nossos próprios estereótipos sobre a maternidade e/ou a infância; mas isso deixamos para um próximo texto. Foi somente a partir de 2016 que algumas marcas passaram a abordar de uma maneira diferenciada, em especial, a marca suíça Libresse que trouxe, pela primeira vez, um líquido vermelho para representar o sangue ao invés do líquido azul, comumente usados na maioria das propagandas.

Essa marca criou uma campanha chamada “*Blood*”, trazendo primeiramente um vídeo de muitas mulheres fazendo exercícios e esportes, mostrando o sangue de ferimentos e no final a frase “*No blood should hold us back*” que significa “Nenhum sangue deveria nos deter” (tradução nossa). Continuamente a essa campanha, a marca apresenta um vídeo com o nome “*Blood Normal*”, retratando episódios cotidianos sem que as situações envolvendo a menstruação sejam escondidas, como a troca de absorventes em um jantar e uma sala de aula.



Figura 4: campanha da marca Libresse, 2016.

Ao longo da pesquisa foi possível elencar algumas manifestações artísticas que retratam a menstruação como algo bem distante de um tema proibido, vedado e silenciado. Um exemplo é a arte com sangue menstrual, chamada “Menstrala”. A artista plástica Simone Santos Rasslan é uma das que aderiram esse tipo de arte, tendo realizado uma exposição denominada “Feminino Sagrado”, com obras pintadas com sangue menstrual. Outro exemplo nas artes – desta vez na literatura - são escritoras como Rupi Kaur, que protestou contra a menstruação enquanto tabu em seu livro *Outros Jeitos de Usar a Boca*. Segundo ela, “parece que é deselegante falar da minha menstruação em público, porque a verdadeira biologia do meu corpo é real demais” (KAUR, 2014, p. 216).



Figura 5: Simone Santos Rasslan, 2018.

No âmbito das redes sociais, essas manifestações contra o tabu são realizadas de uma maneira diferenciada, cabendo uma estranheza maior de uma boa parte do público tanto

masculino quanto feminino. Em 2015, por exemplo, a estudante americana Louelle Denor, publicou uma fotografia no *Instagram* segurando um coletor menstrual com sangue, escrevendo na legenda “Se esta fosse uma foto do sangue de um machucado no dedo, não haveria problemas. Sim, esse sangue é da minha vagina. Isso acontece todos os meses”. Denor queria contestar o tabu de algo natural, como a menstruação tendo, no entanto, recebido críticas tais como “Por favor, se mate” e “Feminazis deveriam ser colocadas em um chuveiro que jogasse sêmen masculino em seus rostos” (tradução nossa).



Figura 6: perfil do Instagram de Louelle Denor, 2015.

Ainda no *Instagram*, a espanhola Cinta Tort Cartró buscou transformar temas silenciados como a menstruação em arte, utilizando *glitter* e tintas para pintar o corpo feminino, além de desenhos e fotografias postadas na sua conta.



Figura 7: retratos de Cinta Tort Cartró, 2018.

Em 2019, no *Twitter*, uma jovem chamada Laura Teixeira publicou uma foto com o rosto pintado com sangue menstrual e escreveu na legenda “Só paro o dia que sangue menstrual for normal e aberração seja o preconceito”. Em uma entrevista para *BBC News*, ela contou que pretendia ajudar mulheres que tivessem interesse no assunto, entretanto, dias após a postagem, foram postados “memes” com a sua foto no *Instagram* com comentários como “quanto tempo falta para essa galera começar a passar merda na cara?”. Também o comediante Danilo Gentili compartilhou essa foto, escrevendo “Sangue menstrual é normal, o anormal é passar ele na cara”. A maioria dos comentários dessa foto foram ofensas e xingamentos: segundo ela, todo esse “alvoroço” só comprova a existência do tabu.

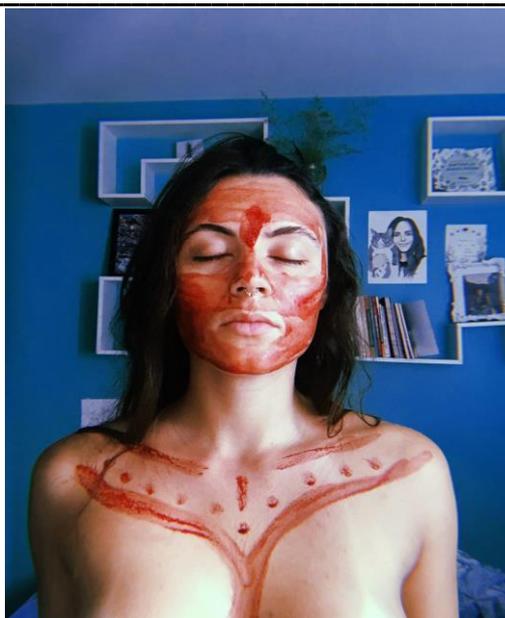


Figura 8: Laura Teixeira, 2019.

Todas essas manifestações, principalmente nas redes sociais, foram alvo de comentários de repulsa. A estranheza gerada realça o tabu persistente na sociedade, por outro lado, houve também apoio por parte de pessoas que protestaram a favor desse rompimento por meio das redes sociais, propagandas e livros. Como aponta Laplantine, temos aí não apenas o desafio de sermos capazes de notar como comportamentos e estilos de vida considerados inatos ou naturais são, na verdade, produto de escolhas culturais (2005, p.22) mas também, de certa maneira, perceber as implicações sociopolíticas nesses contextos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, pode-se perceber – ao menos a partir da análise das propagandas, manifestações artísticas e postagens em redes sociais aqui tratadas – um ponto de inflexão não apenas na abordagem, como também na receptividade sobre o assunto. Apesar de ainda existir resistências acerca do tema sobre a menstruação, há uma forte tendência de aumentar a representação da menstruação como algo normal e natural desassociado a superstições. Temos aí a hipótese de que tal transformação, por mais lenta e gradual que seja – como são, afinal, as transformações estruturais que afetam representações sociais – seja resultado de um maior espaço de desnaturalização das relações de gênero a partir da ampliação das lutas feministas recentes. Nesse sentido, toda a nuvem discursiva historicamente voltada para a manutenção das

---

mulheres ao aprisionamento de uma imagem idealizada passa a ser posta em xeque. De fato, a imagem da mulher menstruada ultrapassa o duplo binômio dentro do qual mulheres são vistas em nossa sociedade: a de Eva, mulher fatal, sedutora, objeto; e Maria, mãe, carinhosa, terna. A mulher menstruada incomoda, socialmente falando, por se colocar fora e além dessa estrutura: é um não-objeto, por ter seu sangue visto como algo poluído; e é não-mãe, posto que fora das possibilidades da fertilização. Além disso, a mulher menstruada rompe paradigmas éticos, dado que seu sangue não é classificado como o sangue sacrificial dos santos, mártires e heróis (não sangra em público, nem por escolha, nem por um exercício de altruísmo), estéticos (seu sangue não possui o mesmo valor literário ou visual do sangue romantizado ou romântico, derramado em prol de grandes causas ou arroubos apaixonados); tampouco dentro dos ideais de pureza esperada em uma sociedade higienizada, patologizada e neurótica.

Fato é que a menstruação, desde uma perspectiva de rompimento com seus paradigmas representacionais na mídia não é algo problematizado, em nosso cotidiano. É interessante notar que a menstruação é algo que sabemos que acontece, no caso das mulheres e todos os meses proporcionando experiências normalmente desconfortáveis. No entanto, raramente essas mesmas mulheres se questionam o porquê de terem que esconder seus absorventes, ou qual o problema, afinal, de as pessoas saberem que se está menstruada.

A mídia, sendo importante instrumento de disseminação de informações e formação de opinião, pode servir como meio não apenas de manutenção dessa ordem estrutural histórica e culturalmente constituída, como vimos, mas também auxiliar na ruptura dos processos de silenciamento acerca do período menstrual - mesmo que venham a ocorrer críticas e estranhamentos.

---

#### **MENSTRUATION AND ITS REPRESENTATIONS IN THE MEDIA: AN ANALYSIS ABOUT BLOOD, TABOO AND GENDER**

**ABSTRACT:** This article investigates how menstruation is represented and described in the different media. From analyzes of different cultures and epochs, it was possible to see that menstruation is faced with many symbologies and meanings, bringing to women an important role in the sociocultural context and entering into the discussion about concepts such as Cultural and Natural. Many theories try to explain why menstrual blood makes the menstruating woman's circumstances uncomfortable and difficult, and how menstruation is currently presented through social networks, advertisements, books, and paintings. Since there have been changes in the representativity, as in the advertisements that have put menstruation in a more realistic way and in the social networks that have been more accepted, although it is the media that most finds difficulties to break the taboo.

---

This discussion is appropriate, as it grows towards the breaking of the silencing and reduction of estrangement about menstruation.

**KEYWORDS:** Menstruation. Woman. Taboo

---

## REFERÊNCIAS

CIANFLONE, Letícia Rocha; COVALESKI, Rogério. **A Propagação e a Quebra do Tabu da Menstruação na Publicidade.** Disponível em: [http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/lista\\_area\\_IJ02num](http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/lista_area_IJ02num). Acesso em: 09 abr. 2019.

DAMATTA, Roberto. “A Antropologia no Quadro das Ciências”. **Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987

DESCOLA, Philippe. **Outras Naturezas, Outras Culturas.** São Paulo: editora 34, 2016.

GOMEZ-SANCHEZ, Pio Iván et al. **Menstruation in history.** *Invest. educ. enferm* [online]. 2012, vol.30, n.3, pp.371-377. ISSN 0120-5307.

LAPLANTINE, François. “O Campo e a Abordagem Antropológicas”. **Aprender Antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

RATTI, Claudia Ramos et al. **O Tabu da Menstruação Reforçado pelas Propagandas de Absorvente.** Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0436-1.pdf&ved=2ahUKEwjke\\_QrMThAhUeIrkGHcbKCgAQFjAAegQIAhAB&usg=AOvVaw0\\_MBXurJ0uv60HFpZvWrgM&cshid=1554855248804](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0436-1.pdf&ved=2ahUKEwjke_QrMThAhUeIrkGHcbKCgAQFjAAegQIAhAB&usg=AOvVaw0_MBXurJ0uv60HFpZvWrgM&cshid=1554855248804). Acesso em: 09 abr.2019.

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual, exercícios antigos e novas perspectivas de pesquisa. **Rev. Antropol.** São Paulo, v. 48, n. 2, p. 613-648, dezembro de 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012005000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012005000200007&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 25 de junho de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012005000200007>

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo.** Rio De Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

SARDENBERG, Cecilia. **De Sangrias, Tabus e Poderes: A Menstruação em uma perspectiva sócio-antropológica.** [S.l.] Revista Estudos Feministas, 1994. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6846>. Acesso em: 23/06/2015.